

# AGREVÊ

A emancipação dos trabalhadores deve ser obra dos próprios trabalhadores.  
Karl Marx.

ANNO I

DIREÇÃO: ELYSIO DE CARVALHO, RUA DO RIACHUELO, 204, RIO DE JANEIRO, BRASIL

NUM. I

1 de Maio de 1903

Nós, os libertários deste lado do Atlântico, neste dia, dia do nascimento da primavera das flores, dos sentimentos e das rebeliões, flores maravilhosas, dia em que se recolherão os frutos sazonados das fecundantes sementes da árvore simbólica da Liberdade, que semearam corações puros como o azul dos longínquos mares, dia em que devemos energicamente lavar um protesto contra o Capital e a Tirania, dirigimos a todos os escravos modernos do trabalho, a todos os oprimidos, a todos os proscritos, a todas as vítimas do furor despótico, a todos os galés da miséria, a todos os condenados da vida, a todos os revoltados contra esta perversa sociedade, a todos aqueles que, como o jovem Parisiêl, trazem o órfão das revoltas supremas e das reivindicações augustas, a todos os Homens verídicos, enfim, daqui e de lá das fronteiras, que esperam, como nós, a aurora da Justiça, a primavera da Razão, a vitória definitiva do sublime Ideal, a generosa e edificante Anarquia, dirigimos pelo nosso acrisolado amor pela Internacional, que fundará a república mundial sem deuses nem senhores, uma afetuosíssima saudação, uma saudação de esperança, de fraternidade e de revolta ferrenha.

## O NOSSO IDEAL

O aparecimento de jornais, que se arrogam o papel de abnegados defensores do povo, é de certo um fato por demais vulgar, raro é o ano em que se não vá surgir pelo menos uma dúzia destes ignóbeis instrumentos de exploração mercantil, procurando com alguns adjetivos sonôres, lisonjear a vaidade do operário para extorquir-lhes o dinheiro necessário a bolsa vazia dos vendilhões da inteligência; e por isso que o único pensamento que anima tais exploradores da ingenuidade popular é a visão grosseira do lucro, quando se trata de enfrentar com seriedade as questões humanas, tremem todos e fogem ardisadamente para não dizer a verdade que porventura possa parecer cruel aos seus leitores. E todavia a despeito da habitual falta de critério destes filhos degenerados da imprensa, ainda há quem se deixa iludir, tomando por dedicação a causa publica o que não representa sino a voz cavilosa de interesses inconfessáveis.

A prova disto temol-a patente na popularidade indevida que já conquistaram alguns destes órgãos, em troca das suas bajulações. Mas não é tempo ainda de formular libelo a este respeito: se tocamos no assunto, foi para que fique consignado que absolutamente nada temos do comum com esse jornalismo de balão, infelizmente o único senhor do nosso meio. O nosso ideal é outro muito diferente do ideal que os domina. De modo algum queremos conquistar-lhes o título de colegas, porque só nós poderemos encontrar no terreno da vida, que desde já provocamos com tanta franqueza e hombridade.

Como representantes natos das aspirações proletárias, somos os primeiros a colocar-nos em nosso lugar, convicção de que jamais nos poderemos ligar com os exploradores da miséria e da ignorância humanas. Não temos a ingenuidade de acreditar no interesse que por nós apresenta o burguez; e tomamos a sua fingida simpatia, por insulto à nossa dignidade. O triunfo da nossa causa ha-de ser obra exclusivamente nossa, sem o que não passaria duma farça detestável. Queremos, portanto, que cada qual se comprometa do seu verdadeiro papel.

Um ponto muito importante do nosso programa é o da crítica social. Seja no terreno jurídico, moral ou industrial. Aprecaremos francamente todos os acontecimentos do interior e do exterior, nunca subordinando a nossa penna às conveniências pessoais.

A nossa conduta obedecerá o critério do interesse humano; por isso, defenderemos sempre os oprimidos e estaremos rijo onde estiver a verdade e a justiça. Seremos os seus defensores sistemáticos. E para esse fim não

duvidaremos em sacrificar todas as leis do direito, saltando por cima de todas as formalidades jurídicas.

Entendemos que a justiça não é esta coisa absurda que por si anda assolhada e coberta da vilitude dos preconceitos infames. O direito é um filho legítimo da força e torna-se uma virtude muito mais irritante do que esta quando vai de encontro às leis de humanidade, assim que usaremos em nosso juízo desse princípio infalível e eterno—a verdade. No íntimo de todo o homem há em estado latente um fundo de justiça que se manifesta na simpatia pelos oprimidos. É a inspiração da fraternidade humana que num dado momento histórico liga o rebano dos fracos e revoltos contra as leis desumanas da tirania. E como queremos sempre estar ao lado daqueles, só nós submeteremos a tão puros ditames.

Seremos, por conseguinte, livres e fiéis na franca manifestação dos nossos pensamentos, já analisando a conduta dos depositários da força, já fazendo a crítica concienzosa dos acontecimentos, ou sustentando a justa causa dos oprimidos.

Assim daremos aos nossos leitores uma amostra do jornalismo digno, que se não agacha por traz dos sistemas, nem tampouco transige com a verdade dos fatos, ainda quando sob a pressão do terror.

## A FESTA INTERNACIONAL

Operário, prende la machete!  
Prende la tierra, ¡payaso!

A ignorância do proletariado universal, que entrará num belo dia livre e sabio na cidade do Justo, é infelizmente uma das causas permanentes dos grandes males que afligem a Humanidade.

Está sobejamente firmado que enquanto não se educar a consciência do operário, porque a questão social é uma questão moral, o Capital, a besta insaciável como o Molok fenício e monstruoso como o Huizilopochtli mexicano, dominará despoticamente sobre o mundo e despoticamente dirigirá os destinos do homem. O trabalhador, que não pode ser uma máquina inconsciente ao serviço do parasitismo, precisa quanto antes ser elevado intelectualmente, para que ele possa quebrar esta cadeia de mentiras deprimentes e de opressões ignóbeis, forjada pela violência, que lhe algema os pulsos, destruir o poder despótico das pessoas e das coisas, aniquilar o monopólio pessoal dos produtos do trabalho coletivo. No dia em que o operário tiver consciência das suas forças, que constituem um organismo poderoso, o maior de todos os organismos sociais do século XX, deixará de ser um instrumento dos exploradores, terá conquistado a totalidade humana. É preciso, pois, emancipar a consciência do operário sem o que ele não terá a sua emancipação econômica.

O espetáculo que em todos os anos, a primeiro de maio, presenciarmos nesta capital, a Cinópolis do Novo Mundo, é um exemplo irrefutável das asserções acima escritas: a festa do trabalho na maior capital sul-americana é uma tristíssima manifestação de vida das classes operárias no Brasil.

O proletariado indígena, que vive mergulhado numa ignorância revoltante, ainda não compreendeu a alta significação desta data festejada com tanto entusiasmo pelos trabalhadores do mundo inteiro. "O fechamento das oficinas nesse dia, diz o manifesto dos organizadores da festa do primeiro de maio de 1901, não significa o protesto do operário contra o capital, como tem espalhado os máos socialistas, que em tudo descobrem privilégios e exceções ruins ao bem-estar da sociedade; ele representa, apenas, uma manifestação festiva e legítima. Interessados na vida da fábrica, da indústria e do trabalho, associam às alegrias, pela nobreza de seu ofício, o respeito e a estima dos seus patrões, de cuja prosperidade só beneficiários podem esperar os que trabalham para ela."

É assim que o operariado no Brasil, educados pelos chefes socialistas, compreendeu a festa internacional do trabalho, como uma apoteose publica do Capital! É uma vil mentira o que proclamam esses máos pastores, os bons aliados da burguezia, os envenenadores do proletariado que não terá a sua independência econômica, que está na destruição radical do capital, a base de

toda esta miserável sociedade, que não será uma força capaz de operar a transformação do mundo social, enquanto ouvir os conselhos jesuíticos dos Milardos, dos Jaurés, das Igrejas de toda a casta, parasitas que representam na sociedade atual o mesmo papel dos padres, essas tarântulas da vida. Esta data, que tem sua origem naquele protesto energético contra o capital erguido por um punhado de bravos revolucionários, que rem os socialistas clinicamente usurpou.

O operário brasileiro, transformou o primeiro de maio, data tão edificante e tão evocativa, ainda porque a lópa burguezia conside sueto aos condenados da vida e aos galés da miséria, numa festa religiosamente burguez, numa romaria fúnebre, numa proscrição macabra, numa mascarada grotesca que se reduz: numa passeata pelas principais ruas da imunda cidade, formada pelas sociedades operárias, que conduzem os seus estandartes alegóricos, muitos semelhantes aos pavilhões da irmandade de S. Benedito ou às bandeiras dos clubes carnavalescos da Cidade de Nova, com bandas de musica policia, cujos sons rouquinhos se confundem com os vivas às classes trabalhadoras, vivas ao Dr. F., vivas ao dr. chefe de policia, etc., cortados de quando em vez por silvos agudos de alguns toques, que antes de recolher-se vai ao teatro assistir a uma sessão solene onde os chefes afirmam do alto de um pulpito que o fechamento das oficinas nesse dia não significa o protesto do operário contra o capital mas sim uma festa... burguez.

É realmente triste que na aurora do século XX, no "século do operariado", a festa internacional do trabalho seja uma espécie de dia de índios e não um protesto no campo econômico contra o Capital, uma manifestação de solidariedade entre todas as classes produtoras do globo terrestre, a paralisação consciente do trabalho, um ensaio preparatório do movimento emancipador, um prelúdio da Revolução Social.

É preciso, pois, narrar ainda mais uma vez, a legenda luminosa que floresceu, como uma flor de revolta e de sentimento, rubra e viva, daquela esteira de sangue estendida sobre um pedaço de terra amarga. Há quasi trezentos annos, na patria de Monroé, na terra dos trusts, onde ha uma monumental estatua representando (ô ironia!) a Liberdade iluminando o mundo, num floreal riozão, desenrolou-se uma das mais terríveis tragédias sangrentas da historia contemporânea. Nos Estados Unidos, o nosso camarada Neno Vasco vai contar-nos, numa pagina brilhante, toda esta historia, nos Estados Unidos havia muito tempo que a conquista das oito horas de trabalho occupava os trabalhadores. Mas até 1885, a ilusão politica—peço ao leitor a Camara Legislativa e ao Senado—predominou. Foi só depois de uma série de desenganos que o proletariado norte-americano compreendeu que devia contar apenas com as proprias forças, pôr de lado qualquer esperança religiosa em Deus ou no Estado. A Federação das Associações Operarias dos Estados Unidos e do Canadá, a sociedade secreta Os Cavalheiros do Trabalho e a decisão que se affirmava internacionalista e decididamente anti-parlamentar, nascido na Convenção de 1883, lançaram-se resolutamente na ação. Fixou-se o 1.º de maio de 1886 para a declaração da greve geral. O ímpeto foi admirável e vitorioso, sendo Chicago sem contestação o centro da agitação grevista.

Foi nesta cidade que, a 3 de maio, uns sete a dez mil grevistas se reuniram em frente da grande fabrica Mac Cormick com o intuito de forçar os scabs (traidores) que ali trabalhavam a abandonarem o trabalho. De repente, um bando de policiaes, sem motivo e sem aviso, assaltou os trabalhadores. Houve luta e a luta desigual, em que os operarios tiveram de recuar, resultaram mortos e feridos. No dia seguinte, The Alarm, dirigido por Parsons, e o Arbeiter Zeitung, dirigido por Spies, ambos anarquistas, protestaram fazendo o segundo um viril chamamento às armas. O apelo foi ouvido, e no dia immediato, 15.000 trabalhadores reuniram-se em comicio na praça de Haymarket, onde falaram varios oradores populares de Chicago, e entre elles Spies, Parsons e Fielden, anarquistas. Mas a policia fez de novo as suas, esperando a noite para investir. E quando um bando armado de carabinas se lançava sobre a multidão, uma bomba estalou no meio dele e vinte guardas caíram.

As espingardas de repelleção "fizeram entao maravilhas" e a burguezia exultou: estava achado um pretexto para uma lição severa... Depois de muitas prisões, resolvidos que ficassem para o castigo os anarquistas Augusto Spies, Fielden,

Schwab, Neeve, Fischer, Lingg e Engel. Parsons conseguiu fugir, apresentando-se depois corajosamente no dia do processo, que foi uma monstruosidade. A lei em virtude da qual foram condenados foi feita expressamente para o caso: assim são todas as leis feitas contra os anarquistas, naturalmente para lhes provar a excellencia da lei... Também se teve todo o cuidado de não procurar quem arremessara a bomba, para não dar ao luto um caracter individual; uma policia que o descobriu não pôde ter licença para o deter. Contou-o depois o mesmo policia, sendo certo que o autor do atentado ignorou todas estas ignominiosas manobras. A 11 de novembro de 1887, enfim, foram enforcados Parsons, Spies, Engel e Fischer tendo-se Lingg suicidado do dia antes e tendo sido a pena de Fielden e Schwab comutada em prisão perpetua. Neebe fora condemnado a quinze annos de prisão. Em 1893, um homem integro, Altgeld, governador do Illinois, depois dum minucioso e difficil inquerito pessoal teve a prova absoluta da inocencia dos oito condemnados; mandou pois dar a liberdade aos tres sobreviventes e nos "considerandos" que precediam o decreto de graça, proclamou a infamia dos juizes, dos jurados e das falsas testemunhas, compradas á força de dinheiro e demonstrou ainda que o veredicto, dantemão elaborado, fora pronunciado por ordem. Eis os fatos. A burguezia quiz ferir, mas o golpe vibrado voltou-se contra ella e foi profundo.

Todas as idéas são regadas de sangue, e o sangue é um excelente adubo para as abundantes e gloriosas colheitas. Germinal! é o grito triunfante, o grito claro, o futuro vitorioso de cima de todos os patibulos. No proprio dia da execução do protesto no campo econômico contra o Capital, uma manifestação popular feita aos milhares dos enforcados foi o sinal de que a vingança da lei dera o resultado oposto... E esse tragico acontecimento, o maior exemplo vivo destes ultimos annos, a Greve Geral de Chicago de 1889, foi que deu origem ao primeiro de maio que só pôde incarnar o pensamento daquelles heróes magnificados por um ideal altissimo, que tiveram a suprema coragem de organizar um movimento de forças operarias internacionais contra o Capital, a força que os explorava e que mais insaciavel. A semente foi lançada e ella fecundará a Terra...

Não poderíamos nós, portanto, sem esquecer a nossa missão, deixar de aplaudir a festa do 1.º de Maio, sob pretexto de que as idéas que a fizeram nascer não correspondem precisamente às nossas asserções. Basta reconhecermos que neste dia que o proletariado se ergue diante do mundo atual para fazer o seu protesto contra o capitalismo. Antes de tudo, porém, exigimos que o homem do trabalho não se deixe iludir, porque no meio dos sinceros costumes apparecer uma turba de exploradores. Estes se mostram, cedendo a uma convenção, muito amigos do operário no dia do entusiasmo, mas do unico objetivo de arranjar votos, para no dia seguinte voltar a ser o que eram os mais vassallos da ordem Capitalista. Queremos que o 1.º de Maio não fique reduzido a uma simples festa de moda, com muita musica, com muito entusiasmo efêmero, com muito discurso em labios que falam de... ventre cheio.

São operarios, os unicos fatores da riqueza, tem consciencia do seu papel e sentem a enormidade da sua desgraça na organização social que li perdura, que não se deixem embair os operarios e sejam fortes para uma ação energica e segura contra a iniquidade, lembrando-se daquela frase verdadeira: a emancipação dos trabalhadores será obra dos proprios trabalhadores. Nada de esperar solução do problema social por meio de leis reformatórias. Nada de pensar num acordo entre o capital explorador e o trabalho explorado. O Capital de uma vez quer a morte do trabalho e a absoluta impossibilidade de conciliação com o mundo vingente. Nada de ouvir os charlatães quando nos falam de reformas politicas e outras socialieiras. Todas as reformas que vierem dèlas ha de trazer-lhes a marca secular. E é com tudo isso que eles pretendem adiar o advento da justiça absoluta.

Si somos tambem internacionalistas hoje, devemos sel-o sempre, isto é, todos os dias, em toda a parte, sem subterfugios e sem recuo de lado de todos os oitantes e enfrentando com todos os hipocritas. E si somos internacionalistas é claro, é consequente que para nós não ha patria, nem preconceitos de raças ou de classes e que por isso mesmo devemos

estar sempre desconfortados e prevenidos contra os prejuizos e maquinações da burguezia. Com taes preconceitos, o mundo vingente não faz mais do que distrair-nos da grande causa.

O primeiro de maio não é, portanto, um dia de festa onde os trabalhadores celebrarão a Internacional com cantos, danças, banquetes, conferências, alegrias, pedidos ao patrio e supplicas ao parlamento. Não são as alegrias ruidosas de um momento que passa, os cantos entusiasticos, as mascaradas ridiculas, que affirmarão a fraternidade universal entre os trabalhadores, nem tão pouco os pedidos dirigidos ao Rei Ventre e às mensagens verbosas enviadas ao idolo Parlamentarismo que trarão as legítimas reivindicações sociais ao proletariado do mundo inteiro. Todos os esforços empregados neste sentido cairão fatalmente. Na cesta das coisas inúteis: esses pedidos têm a mesma importância que as supplicas mudas das mansas ovelhas que jamais impediram que os lobos cruéis as devorassem impiedosamente.

O 1.º de Maio realizado como uma manifestação pacifica, como uma simples festa, por mais bela e por mais grandiosa que seja, ainda porque na sua inconcência e na sua inconcência ha operarios (os corruptíolos pelo virus socialista) que pensam que o capital não deve ser destruido mas sim socializado, não terá em tempo algum a eliminação das classes parasitarias. "O imenso oceano, diz muito bem Louis Lumet, não é perigoso sino ao viajante; aquele que olha da terra firme não o teme, embora seja magro e pacifico, embora seja agitado pelas tempestades: porque nenhuma memória se recorda que elle tivesse jamais ultrapassado os limites das grèves ou dos penhascos. Nós somos o oceano, e desde os seculos dos seculos, somos contidos por leis, por mentiras, cercadas por illos diques, e os que nos governam e nos exploram hoje, pensam que estão tão fortemente solidos, tão resistentes, que nós não poderemos destruil-os. Detraz do seu exercito, sua policia e seus tribunais, elles estão ao abrigo de nossos trágicos furores, elles riem dos nossos corações grandiosos e dos nossos pallidos ensaios de revolta como um balaõ de sol sobre a inumeravel palpitância das vagas..." Que o primeiro de maio seja a proclamação de uma era que ha de vir, de uma victoria que havemos de conquistar, de um triunfo que será definitivo. Ergamo-nos, portanto, conscienciosamente contra os que nos exploram apoiados na força e seja o nosso primeiro cuidado bater sem tréguas a instituição ignominiosa em que o Estado funda a sua existência—o poder militar. O primeiro de maio tem, pois, para nós esta alta significação: avisar-nos do nosso dever. Enquanto os especuladores da politica procuram lisonjear o proletariado com grandes palavras ócas e mentirosas, nós iremos nutrir a nossa energia organica, confiantes na nossa final triunfo que não pôde andar longe.

Mas sobretudo uma coisa é necessaria lembrar neste dia. No mundo, nada se faz sem movimento. Uma força não se manifesta sino por seus efeitos. Si o proletariado tem consciencia de sua força—que fique aliivo sempre, erecto em presença do tempo, a afirmar—pela violencia mesmo—os seus ideais. E energico, imperioso, insubmisso, indomavel é sobretudo incorruptível—é que elle ha de vencer. É a greve que triunfará—porque é a força contra a força. E assim que havemos de contrapor a todas as manobras do capitalismo insaciavel esta energia que é a nossa virtude, esta confiança no destino que é a nossa força.

Pois bem: eu desejo que este grande primeiro de maio, simbolo da eterna renascença dos germens fecundantes, seja um dia de alarma e de espanto. Imaginai si o Sol deixasse de iluminar a terra! Imaginai o que sucederia no mundo no dia que não mais pudesse continuar a fortuna privilegiada dos dominantes! E julgais talvez que isso é impossivel ou muito difficil. Pois bem: eu vos digo que isso é o que ha de mais natural no mundo. Isso só depende dos vossos corações. No dia em que tiverdes nos vossos corações, por toda a terra, o sentimento da vossa causa—auto poderdes. Pensai por um momento no vosso imenso poder contra a injustiça e sentireis como está nas vossas mãos o destino de toda esta monstruosa sociedade que vos condena e vos esnaga. Basta que imaginéis o que seria esta sociedade que, como um mundo, pousa toda sobre os vossos hombros de Atlante, si—por espaço de alguns dias—vos abandonasse as oficinas, os ateliers, as fabricas, os campos, as minas; si negasseis o vosso braço poderoso ao trabalho que sustenta

todas as opulências da terra! Cessai vossos trabalhos! Essa paralisação total das forças produtoras teria o mesmo efeito de um cataclismo geológico. Toda vida vem do trabalho. Cessai de arrancar da matéria bruta a vida dos homens! Evencis que agonia de morte pesará sobre o mundo.

Então, ó burguezes descafoveis, pensais vós que o canto de liberdade total que entoaram aqueles pobres chefes de fogão sagrado do entusiasmo varonil e abrasados pelas flamas rubras da revolução, corações puros como o de Páallas, não será o hino libertador que entoarão os Homens quando em caminho para a Cidade Feliz?

Então, ó parasitas sociais, pensais vós que o clareio que fulgurou naquele firmamento cheio de horror lugubre não será o prenúncio da grande aurora, que, num dia limpo e puro, brilhará sobre a Terra livre, aurora que será o eterno Sol da Justiça e da Razão absolutas.

Então, ó exploradores, pensais vós que aqueles ventos tempestuosos por mimos generosos não formarão a tempestade que ha de desabar sobre vossas cabeças, destruir vossos palácios, vossos tesouros, vossos poderes, vossos privilégios, cuja bonança será a luz dos tempos melhores iluminando as vossas fronteiras?

Então, ó socialistas, mãos pastores, eternos aliados do barão Ghetto, pensais vós que o sangue que banhou a terra, a maveria, floral maravilhoso de sentimentos e de revoltas sagradas, como o sangue de Thraséas oferecido em libação a Jupiter, o Libertador, como o sangue do verídico Camille Desmoulins, a mais bela alma de toda a Revolução Francesa, como o sangue de Hartmann, Risakoff, Sophie Perovskia, Caserio, Lubén, tão puros como o sangue das rosas rubras, arquipos soberbos que sublevaram a terra com o ferro magnânimo de Harmodio o direito inescrípavel da razão contra o parasitismo, o obscurantismo e o despotismo, não cairá a terra, não se engrupará as sementeiras futuras, as coelhetas fraternas, donde nascerá o Justo, o único despoja dos tempos melancólicos?

Erro lunático!

Floral, 111.

Estylo de Carvalho

A guerra, além da espantosa dor humana, tem outras consequências. Não somente faz viver e orfãos e órfãos, mas também a paz armada produz a miséria moral e material que sofre nossa rudimentar civilização. O militarismo é a cabeça putrefacta das sociedades modernas, a prolongamento do estado de selvagemismo, é a reprodução exata — e a agravante terrível de uma sabia organização que a sociedade barbara dos povos primitivos.

Charles Richet.

## NÓS E O JORNALISMO

Desviado do seu verdadeiro papel, que é o de educar e ilustrar, o jornalismo como o teatro e tantas outras manifestações da arte e do saber humanos, ao cair presa de impudicos mercenários, foi convertido em simples balcão de taberna e mostrador de lupanar.

As famosas centelhas que Balzac arreameira de uma dia contra este mercantilismo vil, talvez nunca encontrassem, como hoje, tão formidável justificação. Porque na época em que o Poeta escreveu: «o jornal, em vez de ser um sacerdotio, acabou por se tornar um meio que os partidos exploram; como meio é um comércio, e como todo o comércio, não tem fim nem lei»; na época, dizíamos, em que o profundo autor de *Illusions perdues* deixou cair da penna estas palavras, é de crer que o jornalismo, a imprensa, ainda não tivesse alcançado a ciminência de corrupção em que hoje se encontra.

Numa palavra: — e com que peso aos senhores democratas — o estudo destes dois grandes esteios da democracia: o parlamentarismo e a imprensa, já saiu ha muito dos domínios da critica para entrar na da criminologia pura. Num interessante e recente estudo intitulado *Uma nova forma de bandidismo* (que é o jornalismo) publicado num importante revista italiana, demonstrou e provou com a mais exigente eloquência o sr. Alfredo Nicotro que: «a civilização burguesa moderna — a tipo de fraude — ha transformado a homicida e o brigante (che fiorivano ieri in una civiltà a tipo de infamia) nel truffatore, e nel falsario, nel fabricante di *chantages*; e la penna del giornalista d'oggi è suvente la traduzione moderna del pugnale de ieri».

Desviado porém de lado a ação puramente criminal, no sentido jurídico — aliás importante — que em todos os países caracteriza hoje o jornalismo, lancemos a vista um só momento sobre a abominável e corruptora influencia que entre o povo está exercendo essa imprensa de *alleguer*, impudica rameira.

Que horror! Depois do pestilento noticiário, com que se dissimulam as

mais terríveis epidemias; com que se vitima, com que se assassina iniqua e impudicamente, põe-se então este flagelo a estabelecer entre o povo, com sua defeza hoje de uma coisa e amanhã dourada muito oposta, a mais caótica balburdia e confusão, combatendo hoje o que hontem defendia, aplaudindo hoje o que hontem patava. E o mais lamentavel em presença deste fato, é que a perniciosa de desse flagelo moderno cresce á maneira que entre o povo aumenta a superstição pela imprensa, como atualmente acontece. Porque infelizmente, quando todos os que estudam e observam — que é sempre uma minoria — já estão fartos de saber que uma dada coisa é nociva e má, ainda a massa popular está na crença de que essa coisa já condenada é o que de melhor pôde haver.

Isto é o que sucede com referencia á imprensa diaria; é ainda o mesmo com relação ao parlamentarismo (sufragio universal e muitas outras *chantages* com que os charlatães da politica enganaram o pobre povo); é ainda exatamente o mesmo com respeito á justiça, ao direito, á patria, e a todas as mentirosas e traiçoarais instituições em que se assenta o atual regime burguez.

Más, infelizmente, do que fica dito que todo o jornalista está a pedir um carcere ou um manicomio! Absolutamente não! Se parodiarmos a velha sentença que a antiga Roma nos deixou: «os senadores são bons homens, mas o Senado é má besta», nós podemos dizer do jornalismo: «os jornalistas são bons homens, mas o jornal é a boca da Pandora». É efectivo assim, porque a causa de todo o mal está no regime economico e politico atual, que força, sob pena de morrer de fome, um certo numero de homens ilustrados, intelligentes e pobres a vender as suas aptidões mentais nas mesmas condições em que o operário hade vender o seu trabalho manual — applicando-se exclusivamente áquilo que o burguez, o agiota, o interessado na fraude muito bem entender.

Em suma: nesse torpe regime do Roubo e da Autoridade — do qual o Estado é sinónimo — a que nós não podemos aderir, tudo está abalado, tudo se quebra, ninguém se sente seguro. Por toda a parte só se ouvem gritos, agitações, dores, revoltas desesperadas; por toda a parte a politica está convertida em mentira, traição e dolo; as religiões são uma torpe especulação e exploração da ignorancia e boa fé do povo; por toda a parte todo o mundo detesta o presente, revolta-se contra si próprio, odeia-se. E, a despeito de por toda a parte ainda — todos os escravos da penna, todos os jornalistas assalariados, entorpecidos ou lorpas — não cessarem de apregoar as belezas do regime imprante, todos, intimamente, sentem que esse regime tão gabado não é mais nem menos do que a mais infame escravidão; e da mais odiosa tirania que a humanidade jámais conheceu.

Ora, quando os descontentes, os revoltados contra o presente já não se limitam a um pequeno numero; quando é a massa da sociedade que se sente incompatibilisada com o seu regime, impudicamente offendido pelo estado social em que vive, quando as sociedades finalmente chegam ás conclusões que vimos de assinalar, — tendo como falso tudo quanto outrora acreditavam ser verdadeiro, — que é que surge?

— Uma unica coisa: o nihilismo. É neste estado moral que vivem ha mais de meio século as sociedades modernas.

Isto, porém, não pôde prolongar-se; é preciso que as aspirações se orientem e se harmonisem para que a actividade dos membros da sociedade se torne convergente; é preciso, enfim, chegar-se a um accordo. Já sabemos que todos são unanimes em condenar o presente, — mas como sair delle?

Éis o ponto de interrogatio ante o qual tem de quebrar a cabeça muitos reformadores.

Nós, entretanto, pela parte que nos toca, vamos responder á questão: Estando convencidos de uma vez por todas que a atual desordem social foi originada pelo choque havido entre as ideias antigas e as ideias modernas; certos de que esse choque é a terrível luta que em consequencia se estabeleceu foram motivados pelo Estado, Religião, Autoridade — instituições sistematicas, opostas á lei da evolução ordinariamente descoberta e por todos sancionada.

Nós pretendemos dissimular entre as massas populares, que atualmente se esfacela na mais hedionda confusão, os principios de um sistema social

que, baseado na lei da evolução, prescinde e elimina todas as instituições sistematicas, imutaveis e dogmaticas acima mencionadas e que, significativamente grega, *Archeos*, que significa *ausencia de autoridade*, e na necessidade de dar um titulo, nm nome, ao sistema social que pretendemos, e, unicamente por ser este o termo que melhor define o nosso pensamento, nós lhe chamamos ANARQUIA; estado social este que o celebre afriano de Aristoteles: «Independencia de ação e convergencia de esforços», bem sintetisa.

Este regime social, que sancionaram todos os pensadores da nossa época, que nós vimos de enunciar, encontra-se, porém, em opposição radical, absoluta, ao regime que hoje domina. É um mundo em frente do outro: degladiam-se, guerreiam-se, entredorram-se. É a luta cifra-se nisto: o mundo velho ordena e o mundo novo recusa-se a obedecer. O mundo velho quer vingarse, e o mundo novo defende-se. O mundo velho taxa de criminoso o mundo novo, condena-o em seus tribunais e quer assassinar-o, executá-lo. O mundo novo compreendendo que o mundo velho é anacrónico e está idiota, procura subtrahir-se aos seus golpes e tenta cural-o, educando-o, illustrando-o. Quaes os principios meos que usaremos para a nossa victoria?

Tendo adquirido a convicção de que a imprensa burguesa, essa de aluguer, essa do noticiário, constituiu-se um dos maiores baluartes na defesa do mundo velho: na defesa do crime (no nosso codigo, virtude no deles) na defesa da exploração capitalista e da escravidão da humanidade, nós fundamos este jornal para popularisar os principios em que assenta a nossa concepção social e seguir uma moral oposta áquella que a corruptora e prostituida imprensa-comercio defende, atacando ao mesmo tempo, a Escravidão, a Violencia, a Oppressão e a Mentira de que ella se porta-voz. A humanidade está dividida em duas classes, em duas castas opostas: uma, o quanto descontente, defende todavia o presente, por estar ella collocada na posição de espoliadora e oppressora; outra, ataca esse regime iniquo e tenta estabelecer um em que não possam existir opprimidos nem oppressores. A *Grève*, pois, vem por esta, contra a qual.

Por isso é que a nossa agão é: *Grève!* Grève ao mundo velho; Grève contra o Estado, a Religião, a Autoridade — que legalisam a escravidão da humanidade. Grève contra a imprensa burguesa, não a comprando e fazendo-lhe o *boyott* — porque ella vende, corrompe, assassina a humanidade.

Grève geral, pois, ao regime do Estado, da Escravidão e da Ladrãoia.

— Tu, mundo velho, estás assente na Mentira e na Cobardia; e nós, o mundo novo, asentamo-nos na Verdade e no Heroismo.

Percebem?

Pois estão definidos os campos.

Mota Assunção.

Questão operaria?... Formulamos bem o problema. No fundo não ha tal questão obrera sinão uma questão humana. Só existem sobre a Terra duas classes de homens: os produtivos e os improdutivos, os que sustentam e engrandecem a Vida e os que a detestam e deitão. A questão está em apoiar os primeiros e combater a segundos.

J. Ruskin.

## LEI INIQUA

Vivemos num país culto?

É o que me não parece. O brasileiro, ou seja por um natural e funesto relaxamento, ou por não ter ainda a consciencia exata da sua missão historica geralmente descarta tudo quanto escapa a estreita esfera das suas necessidades imediatas. As provas desta afirmativa são tantas e tão infestáveis, que citá-las seria trabalho superfluo. Entretanto, em tudo quanto respeita a nossa vida politica.

O poder executivo é entre nós mais livre na imposição de sua vontade autoritaria que o Tsar da Russia. Assaz grande é a copia de abusos de que o Brasil tem dado mostraz, a despeito de ser uma nação republicana, neste século em que a Suissa é o campo onde se concentram todas as ideias generosas e a Inglaterra os atos inviolados dos perseguidos de todo o mundo.

Ainda hontem, em fins do anno transito, a Camara dos Deputados votou, de escondidas, sorrateiramente como quem furtu, uma lei que é o grito de retrogradação o mais funebre, o projecto mais obstinado, contra as tendencias de fraternidade humana. O pro-

jeto de lei n. 317 A, da Camara, regulando a expulsão dos estrangeiros, é tudo quanto os legisladores da Republica podiam conceber de mais extravagante e absurdo, neste começo de século.

Semelhança projecto, para honrar-nos nunca deves, siquer, merecer as honras duma discussão no parlamento dum Estado democratico. De motivos não sei que justifique a aprovação duma lei cujo conteúdo assim dispõe:

Art. 2º. — São causas bastantes para a expulsão:

1º a reincidencia em crime ou delicto previsto em leis federaes, depois de cumprida a sentença;

2º a insuficiencia de recursos para prover a sua propria subsistencia;

3º os interesses da alta politica, concernendo á ordem e á segurança publicas.

O paragrafo 3º é como se vê duma redação elastica para facilmente ser agitado ao bôlo prazer da tirania governamental. Mas o que mais revolta é o segundo.

Pois, então, o estrangeiro acco é um animal repellido que pelo simples fato de não ter meios de subsistencia deves ser extinto?

Quanta falta de comprehensão filosofica neste conternador juizo!...

O procedimento dos nossos deputados faz lembrar o caso do *Fiel de Guerra* Junqueiro. Aquel como acco se nota a sua aliança com a imprensa, a sua divulgação que só vê o mundo através do seu estúpido egoismo.

Chega a parecer loucura o procedimento inexplicavel da Camara, aprovando tanta odiosa medida.

Si o elemento estrangeiro se torna perigoso e ameaçador da tranquillidade nacional muito mais nocivo seria, nesta hypothese, fechar os portos a toda emigração. Nunca, porém, procurar com sofismas crassos preparar o terreno para abusos futuros.

Mas se nada vemos que afete á estabilidade nacional, porque os srs. editores tem tanta pressa em seguir o exemplo nefasto do parlamento argentino, copiando-lhe, quasi na integra, a lei de excepção, votada a 22 de novembro do anno findo!...

Realmente surpreende e consterna a falta de criterio dos *nossos representantes*. E o que sobremodo admira é que emquan'o na Republica do Prata, se achava a braços com a fortissima *grève*, a influencia do capitalismo não teve o poder de sufocar a consciencia dos direitos do homem e levantou-se uma grande opposição; entre nós, que vivemos numa perfeita harmonia com as colonias estrangeiras e do concunçar das quais não podemos prescindir, nem uma vez autorisada se opoz a tão grande absurdo, em nome da Razão e da Verdade.

Por isso, agora que se preparam todos os senadores para reassumirem os seus postos, julgo oportuno lançar o meu protesto, embora isolado, contra essa monstruosidade que se nos pretende impingir. O senado, se não quer baixar ao calão das corporações servis, deve rejeitar a malsinada lei. Fortalecel-a com o seu voto seria cometer um crime de lesa-humanidade.

Ninguém se illuda sobre as consequências duma lei tão exporciativa. Si se devesse ao seu receio do anarquismo, amanhã revistará as suas verdadeiras formas e será um instrumento de prepotencia nas mãos dos depositarios da força.

Não é justo oppor diques á fraternidade humana. O operario e estrangeiro deve ser considerado como um irmão que vem concorelhar na obra da civilização. Está qe é a verdade, tudo quanto ferir a esta grande concepção, reduz-se a extravagante carrancismo. Pois já não é licito considerar o mundo sinão como a patria da humanidade.

Torna-se preciso quebrar duma vez por todas a cadeia dos preconceitos regradados. Mas quando mesmo se alliança ainda uma certa prevenção contra os filhos loutros poizes, não se deve tratar de affligi-os com perseguições revoltantes. Para seu grande tormento basta que eles sofram as tristes consequências duma vida errante e aventureira como se fossem a encarnação do mito horroroso de Ashvurus.

Paulistillo de Fonseca.

Operarios brasileiros: iniciamos um movimento de protesto contra a expulsão de estrangeiros, que vos trata como desumanos, com os seus efeitos retroactivos e iniquos, que vos tratam como desumanos no mundo. Mostrai á burguezia que vos sois solidarios com todos os espoliados pelo Capital. Mostrai ao mundo inteiro que sois defensores da Liberdade. Mostrai que sois pela justiça e pela fraternidade. Protestai contra a lei iníqua.

## O SINDICATO DA VIOLENCIA

Abyssus abyssum invocat.

Os ultimos acontecimentos politicos revelam o proposito dos governos de erguerem uma especie de sindicato da violencia, á semelhança dos *trusts* americanos, contra este poderoso movimento ascendente que, desde os remotissimos tempos da sua origem, vem destruindo tudo o que não está de accordo com as leis absolutas do Viver Integral. Toda a ação organizada dos homens dirigidos, com os aplausos da colligação implacavel da plutocracia abominal e da burguezia criminosa, com um unico intuito de estirpar do organismo social esse fenomeno que é da essencia mesmo da Vida concreta, é o ritmo d'uma estrutura politica intima, que fatilmente au dominio da esterilidade pratica. A humanidade, irritada pelo fatalismo da eterna evolução dos mundos dos homens e das coisas, ha de chegar á finalidade da Anarquia.

Ha na historia revolucionaria contemporânea, para não ir mais longe, um exemplo significativo que é uma demostração cabal da impotencia da lei, do codigo, da prisão e do patibulo para sufocar uma ideia, uma ação, um movimento que procura materialisar uma concepção qualquer. A descaoval politica internacional, que pensa que as grandes conquistas humanas são o resultado dos seus gestos safados dissolvem a *Associação Internacional dos Trabalhadores*, não conseguia, porém, que deixasse intacta, uma fderação de trabalhadores constituida agora naturalmente mais perfeitamente legitima, que se desenvolve mais solidaria e mais poderosa. E, porche a Internacional, não, como disse Eliseo Reclus, mas o que não pode proibir, é o accordo natural, espontaneo e sincero de todos os trabalhadores. E, o sentimento indistinctivel de solidariedade que o une cada vez mais, é sua alliança sempre mais intensa com os parias de diversas nações e diversos castes. Este fato positivo é o mesmo uma roua, uma lida sabia, em face do grito dos ministros, legisladores e magistrados, e nas suas proprias leis. Eles, es os homens obscuros pel, superficialidade, são tão poucos, como alycde pobre doio que ordenou ao oceano de recuar...

A nota mais importante da repressão exercida pelos governantes, nestes ultimos dias, vem da Argentina, onde impêra a grã um piltro sanguinario como o *traz monogol*, chacal atroz do so e do Sinto. Nicolau, o-joven monstro que tem a nervosa do saque, não só não hesita cruzada infernal contra todos aquelles que voltam contra a miseravel organização social presente: ele tem na p-soa de Julio como um dos seus mais feroces sectarios.

O sicario da republica do Plata, que tem a estultia pretensão de ser a mil-livre das republicas americanas, com a mira nos estribulos do seu bino.

Oid mortales, el grito sacrado

Libertad, libertad, libertad.

Quando a ultima greve geral que passou com grande impeto, produziu expantado do proletariado argentino, querendo suplantar a, ordenou os seus lacaios do poder legislativo, que lles dessem a lei de excepção, a lei iníqua e o estado de sitio. O parlamento, ingobil espulso de onde consciencias despidoras retallam a dignidade humana, e a harmonia, em troca de tudo que vier a aumentar a sua fortuna material, dentro de poucas horas, cumpria a sua obrigação, e estava a suspensão de todas as garantias constitucionais e a lei de residencia, lei coidada, que foi classificada de lei infame.

O poder executivo armado com estes dois instrumentos contra a liberdade individual, sancionou os apêz dos votos contrarios de politicos honestos e de senadores de tilla e Figuerola e do protesto juridico de Emilio Gouchon, Roldan, Gales e Lacasa, sem denora procurar dar curso á sua furor vandallico. Não é preciso dizer que a attitude dos socialistas parlamentares, contra a expectativa geral, foi, como sempre, simplesmente acquiescente. A lei de excepção, a lei infame, que é um hediondo atentado a civilização, estabelece em seus principios fundamentais que o governo, em nome de qualquer formalidade juridica, pode expulsar do pais "todos os estrangeiros cuja conduta comprometa a segurança publica ou perturbe a ordem publica." E' facti-maginar a conduta d'um governo cederado, sendo que os anarquistas, para quem especialmente foi foijado a unico decreto, ferem as victimas escolhidas: a policia efetuou inumeras prisões, fazejo domicilios, realizou uma campanha implacavel, expulsou um grande numero dos nossos camaradas que mais activamente se dedicavam á propaganda, etc.

Não ficou a grã governamental. O general politico, furioso, apesar de toda aquella campanha miseravel e odiosa, que obrigou a abandonar o solo argentino para mais de trezentos trabalhadores coactos, dedicados á causa libertadora, arrancados ás suas familias, que ficaram em precarias situações materiais, com o insucesso da cruzada, porque o seu unico inenno era destruir o movimento anarquista, não demoreu em tentar nova naquellação. E como não faziam na sociedade atual criticas que se pretem os mais de gradados papéis, o governo encontrou logo na pessoa de um italiano, um agente capaz de pôr em pratica o novo plano. A burguezia, com a sua policia miseravel e a sua imprensa supinista, move uma guerra de calumnias torpissimas ao anarquismo; que segundo ella, não passa de um assaioção internacional secreta, composta de bandidos e assassinos, que tem por fim, *matar* *reis*, tudo isto com o unico objetivo de tornar o odio aos obos das massas ignorantes. O governo desta forma tem grandes recursos para justificar todas as brutais perseguições movidas contra todos os libertarios. "Tomando como pretexto, diz um importante manifesto publicado pelos camaradas de Montevideo, contra a lei de excepção (na historia dos tempos e das vicissitudes humanas, e consequencia logica do estado economico-social, a existencia de seus autores) encorajados por anarquistas ou não anarquistas, em momentos de exasperação e depois duma successão inintermitte de injustiças e de iniquidades, propagaram-se mais sensacionais noticias de... *conflicto*

... e aqueles que atirapraçaram, caluniaram e ultrajaram os pobres e os trabalhadores barcelonezes, devem ser de uma vez por todas reconhecidos como inimigos da classe operária. Estes são os que devemos repetir sempre aos nossos camaradas. Abaixa os escanotos da classe operária!

A. V.

O rio é um verdadeiro paraíso que vive à custa do trabalho de sua nado possum: Lequema.

**PALAVRAS DE UM POLITICO**

A politica é a arte de fazer amigos e aliados sem o sacrificio da Verdade, da honra e da Republica, a habilidade de repunente de ostentar intimas relações com o governo, o habito indomável de faltar ao ouvido aqui, prometer ali, intimidar aquelle, combinar a ameaça com o charlatanismo almejo, e intrigar por toda a parte e sempre. So essa atmosfera que abafa e atrofia a vida de uma sociedade...

Não é politicamenteavel quando ouqum tem lica um povo seprado em grandes que são estáto famintos e em grandes que se fartam. O que é admirável é que estes ordenem o aquelles obediem; estes tiransem o aquelles se curvem; estes vivem e aviltem e os aquelles se ajoelhem e morra-lui! O que é surpreendente é que inda-lui os aquelles se prostrem e sejam humilhados e venciudos pela miteria, diante de individuos satisfeitos que proclamam atrevidamente sua fra-ira!

O que é espantoso é que, por tal situação, continue mansa, pacifica, desuagada uma multidão inerte e passiva, depredada por bancos e por est do caracos, esmagada pela injustiça, poluida por uma admiração sem rumo e sem ideal, quando o que é natural, o que é logico, o que se vê por toda parte é a fome e o arbitrio despertarem nas almas, a fera que dorme nas profundezas organicas de cada ser, e abri-la a jaula em que a cultura moral, o ego civil e o direito a trazem aprisionado.

Entre nós, ao contrario, des-ria que a necessidade que nos gruda os estomagos de fome, nos gruda tambem as almas de medo!

Fausto Cardoso.

